

Muito humanos, muito divinos (4): Somos nós o habitat das virtudes

O nosso desejo de sermos melhores alimenta-se do ambiente no qual vivemos e, além disso, frutifica nas relações com os outros.

08/07/2021

Deus não vive sozinho. É uma família, uma Trindade de pessoas unidas pelo amor; uma fonte inesgotável de vida, um manancial

que se entrega e se comunica sem cessar. Cada pessoa divina vive livre e inteiramente para as outras, olhando para as outras, numa alegre dependência. O Nosso Deus, dizia Bento XVI, é «um *Ser-para* (o Pai), um *Ser-desde* (o Filho) e um *Ser-com* (o Espírito Santo)»^[1]. E esta mesma lógica resplandece também em tudo aquilo que saiu das suas mãos. De maneira muito especial, no homem. Sim: a vida trinitária está gravada no profundo do nosso ser. A nossa existência só é autenticamente humana, e autenticamente divina, se se desenvolver segundo estas coordenadas trinitárias de comunhão: *desde* Deus e *desde* os outros; *com* Deus e *com* os outros; *para* Deus e *para* os outros.

O equilibrista

Todas as virtudes, até à mais pequena ou insignificante, apontam para um crescimento na comunhão

com os outros. É certo que, na medida em que nos proporcionam um certo domínio sobre aspetos particulares da nossa pessoa, as virtudes (de *virtus*, força) fortalecem-nos. Entrelaçadas entre si, fazem-nos ser mais verdadeiramente nós mesmos. No entanto, não buscam uma perfeição individual, porque a felicidade nunca é um caminho isolado. As virtudes fazem-nos capazes «de expressar o amor: esse amor precisamente no qual o homem-pessoa se converte em dom e, mediante este dom, realiza o sentido próprio do seu ser»^[2]. Uma autêntica virtude não se alcança à margem ou *sem* os outros. O caminho é, aliás, o contrário: o do crescimento numa liberdade para os outros; uma liberdade que nos permite comprometer, entregar-nos a quem nos rodeia. A virtude, no final de contas, consiste em *possuir-se para dar-se*. Essa é a verdadeira força, o verdadeiro poder.

Podemos imaginar um equilibrista que avança sobre um fio nas alturas, perante olhar inquieto do público. Dia após dia realiza o mesmo trajeto, de um lado para o outro do fio. Nele dá-se uma mistura de ousadia e de cautela: teme a queda, mas desfruta da altura e do risco. Procura superar os seus limites, e o seu objetivo exige-lhe um minucioso treino. Necessita de uma habilidade que só alcançará se, superando a vertigem dia após dia, repetir o exercício sem parar. De modo idêntico, para sermos pessoas virtuosas – ordenadas ou agradecidas, por exemplo – necessitaremos de vencer as resistências, com tempo e treino. Qual é a nossa motivação para deixar as coisas no seu lugar ou para agradecer amavelmente? Só se soubermos que no princípio e no fim do fio nos espera alguém que amamos, pessoas que necessitam desses dons, é que merece a pena arriscar-se sobre o vazio. Não

queremos apenas alcançar uma harmonia ou uma perfeição individual. Todas as virtudes têm como horizonte, como tal, a abertura aos outros; são pessoais e, ao mesmo tempo, têm uma dimensão de comunhão, potenciam os vínculos com os outros.

Ser-desde: o dom de depender

Alguns livros de autoajuda oferecem pistas para viver em paz consigo próprio, e identificam a felicidade com uma vida plena e independente: como se depender de outros fosse frustrante, algo assim como um obstáculo para o crescimento pessoal. Mas se voltarmos o olhar para Trindade, entendemos que as coisas são de outra maneira. Em primeiro lugar, Deus Filho procede do Pai e recebe d' Ele todo o seu ser. Esta filiação leva a que Jesus faça em tudo, e com alegria, a vontade do Pai (cf. Jo 4, 34). De uma maneira

idêntica, como criaturas de Deus, e ainda mais se tivermos recebido o Batismo, que nos incorpora à vida de Jesus, a nossa existência tem um carácter filial. Não nos damos a nós próprios a vida. Outras pessoas, que ainda não nos conheciam, trouxeram-nos até aqui. E destas relações de filiação – filhos de Deus e filhos dos nossos pais – surgem as outras relações humanas: porque somos filhos, somos irmãos e somos família.

Desta forma, no íntimo da pessoa humana descobre-se uma dependência radical. A nossa existência revela-se *desde* Outro e *desde* outros. Esta realidade é especialmente visível quando consideramos o amor esponsal, que consiste em viver totalmente unido a outra pessoa e *depende* de tal modo do afeto mútuo que não se pode viver sem ela. Necessitar dos outros não limita, como tal, a liberdade; pelo

contrário, torna a pessoa mais valiosa, leva-a para uma alegria mais plena. Saber que recebi amor e que posso devolvê-lo enche a vida de sentido.

Além disso, as virtudes só podem ser adquiridas, de facto, num ambiente relacional: o seu habitat é o de "nós próprios". As nossas disposições interiores educam-se no contacto com os outros. É aquilo que fazem os pais quando ensinam aos seus filhos algumas maneiras de se comportarem: «filho, não agradeces?»; «filho, deixa as coisas no seu lugar». Crescemos graças aos conselhos que recebemos; graças a conversas que iluminam a razão com princípios firmes. Princípios que, aplicados à vida, vão formando as virtudes e permitindo-nos entender onde está o bem, e como alcançá-lo.

Neste processo, o exemplo das pessoas que nos rodeiam é também

fonte de ensinamento. Um clima virtuoso na família ou no lugar do trabalho é um viveiro de virtudes. E também acontece, lamentavelmente, o contrário: onde o clima é descuidado, é mais difícil crescer humanamente. Um lar sóbrio educa os filhos na temperança; uma mãe detalhista ensina aos seus filhos o valor do pequeno. O mesmo sucede entre amigos, entre colegas de trabalho e em qualquer comunidade humana. Faz parte da nossa tarefa evangelizadora criar à nossa volta um ambiente que ajude a descobrir e a crescer neste caminho. É o que faz a Igreja ao apresentar como modelo a vida dos santos: aí não temos a teoria, mas sim as virtudes encarnadas numa pessoa; aí vemos que é verdadeiramente possível deixar entrar Deus e os outros na nossa vida.

Ser-com: a alegria de acompanhar

O Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho, é o amor partilhado e enviado aos homens para *ser-com* nosco^[3]. Ele é «o manancial inesgotável da vida de Deus em nós»^[4], dessa vida que só se pode revelar em forma de comunhão interpessoal. É assim: nós, homens e mulheres, não vivemos sem mais, mas *con-vivemos*; a nossa existência é um *ser-com* quem nos rodeia. Só há vida onde há comunhão. Os vínculos que criamos com os outros são muitas vezes a força que permite o nosso próprio crescimento pessoal.

Apesar de alguns modos de pensar e de viver dos nossos dias nos oferecerem um modelo de homem independente e, em certo sentido, autossuficiente, a Palavra de Deus diz-nos que não somos náufragos que sobrevivem no seu isolamento, mas pessoas necessitadas dos outros. S. Paulo recorda aos Coríntios que todos fazem parte de uma mesma

unidade: «Vós sois o corpo de Cristo e cada um, pela sua parte, é um membro» (1Cor 12, 27). Estamos envolvidos por fortes vínculos de graça e de amor, inclusive com aqueles que nos precederam e com os que nos seguirão no caminho para Deus. Assim o expressa o Catecismo da Igreja: «O mais insignificante dos nossos atos, realizado na caridade, reverte em proveito de todos, numa solidariedade com todos os homens, vivos ou defuntos, que se funda na comunhão dos santos.»^[5] Seremos melhores na medida em que nos ajudamos entre todos, desde e com os outros.

Não estamos sós no caminho para adquirir as virtudes. Como dizia S. Josemaria, «ninguém é um verso solto (...): de certo modo, ou nos ajudamos ou nos prejudicamos. Todos somos elos de uma mesma corrente»^[6]. Durante a infância, muitas crianças divertiam-se a

construir castelos com as cartas de jogar: uma carta apoiava-se na que estava mais próxima e juntas sustentavam-se. Por cima, a seguir, colocavam-se outras, que se mantinham de pé graças às de baixo; e assim, pouco a pouco, construíam-se uns castelos muito delicados que com qualquer movimento em falso podiam cair. Analogamente, também a nossa vida é um tecido de relações e de encontros, um *ser-com* os outros: «A vossa mútua fraqueza é também apoio que vos mantém direitos (...): como mutuamente se sustêm, apoiando-se, as cartas de jogar»^[7].

É fonte de alegria sentir a proximidade de pessoas que nos oferecem o seu apoio, e que também apoiamos. Acompanhar os outros e ser acompanhados por eles é o selo de uma existência verdadeiramente cristã. Pensemos nos discípulos de Emaús: se não se tivessem encontrado com aquele caminhante

misterioso que lhes abriu os olhos, teriam continuado fechados na sua tristeza (cf. Lc 24, 13-17). Ter pessoas perto serve de incentivo para seguir em frente; elas saberão apoiar-nos ou levantar. Quando ajudamos outras pessoas a alcançar a sua melhor versão, fazemos o mesmo que fez Jesus com os dois discípulos que abandonavam Jerusalém. Rodeados de pessoas que nos querem e nas quais confiamos, é mais fácil crescer.

Todas as virtudes têm um carácter relacional, inclusive as que parecem mais individuais. A fortaleza ou a temperança, por exemplo, também nos dirigem para os outros: permitem-nos partilhar o bem que descobrimos. As virtudes abrem as portas ao encontro generoso e facilitam-nos a doação. Não existem pessoas virtuosas se estão fechadas em si mesmas: isso seria apenas aparência de virtude. Na realidade, «não há virtude alguma que fomente

o egoísmo; cada uma redundando necessariamente no bem da nossa alma e das almas dos que nos rodeiam»^[8].

Ser-para: a alegria de servir

O Pai é a origem da vida trinitária. Tudo n'Ele é doação ao Filho, plenitude que sai e entrega gratuitamente tudo o que tem, com delicadezas de mãe (cf. Mt 23, 37; Sl 131, 2). Esta paternidade divina é a fonte de toda a paternidade (cf. Ef 3, 15), um dom que Deus confia a cada um de nós, para que também sejamos origem de vida nos outros. Todos estamos chamados a ser pais ou mães: um discípulo é *filho* do seu mestre, um amigo é *pai e filho* de outro amigo, etc. Todos somos filhos e, por outro lado, convertemo-nos em pessoas maduras na medida em que nos preparamos para ser pais ou mães, cada um segundo a sua vocação pessoal.

Cada pessoa só se encontra verdadeiramente a si mesma quando consegue sair do seu isolamento e dar-se aos outros. O Concílio Vaticano II afirma em muitas ocasiões, repetindo uma mensagem especialmente oportuna para a nossa época, que o homem não pode «encontrar a sua própria plenitude se não for através de um dom sincero de si»^[9]. Só assim somos verdadeiramente felizes. Oferecer a vida «aos outros é de tal eficácia, que Deus o premeia com uma humildade cheia de alegria»^[10]. E a alegria de *ser-para* os outros manifesta-se em atos concretos de entrega, de serviço, de compreensão. Temos muitas oportunidades em cada dia: quando fazemos rapidamente um favor, quando julgamos com misericórdia o comportamento dos outros, quando somos pessoas com as quais se pode contar sempre para uma necessidade... Assim foi o estilo de vida dos primeiros cristãos, tão

surpreendente para os pagãos, que repetiam: «Vede como eles se amam, (...) vede como estão dispostos a morrer um pelo outro»^[11].

Maria também se ocupa dos outros com um completo esquecimento de si: sabe cuidar de Isabel na reta final da gravidez, em Caná está preocupada com a feliz celebração da boda, no Calvário acompanha o seu Filho com enorme serenidade no meio da dor... N'Ela «encontramos segurança e também força para continuar a levar o consolo do seu Filho a quem dele necessita.»^[12] Toda a graça e virtude da mãe de Cristo voltam-se espontaneamente para os outros porque, para aqueles que querem seguir Jesus, não há bem que não se transforme em bem de todos.

[1] Joseph Ratzinger, *Fé, verdade y tolerância*, Edições Universidade Católica Portuguesa, Coleção Traduções.

[2] S. João Paulo II, Audiência, 16/01/1980.

[3] cf. Ricardo de San Víctor, *De Trinitate*, III, 2-4.

[4] Francisco, Audiência geral, 08/05/2013.

[5] *Catecismo da Igreja católica*, n. 953.

[6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 76.

[7] S. Josemaria, *Caminho*, n. 462.

[8] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 76.

[9] Concílio Vaticano II, *Gaudium et spes*, n. 24.

[10] S. Josemaria, *Forja*, n. 591.

[11] Tertuliano, *Apologeticum*, 39, 1-18.

[12] Fernando Ocáriz, Mensagem, 29/04/2020.

José Manuel Antuña

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
dev.opusdei.org/pt-pt/article/muito-
humanos-muito-divinos-iv-somos-nos-o-
habitat/](https://dev.opusdei.org/pt-pt/article/muito-humanos-muito-divinos-iv-somos-nos-o-habitat/) (10/08/2025)